

NOMES PRÓPRIOS EM CONTEXTO LITERÁRIOS NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Amanda Kristensen de Camargo*

 <https://orcid.org/0000-0002-7569-1091>

Márcia Sipavicius Seide**

 <https://orcid.org/0000-0003-2859-1749>

Como citar este artigo: CAMARGO, A. K. de; SEIDE, M. S. Nomes próprios em contextos literários no ensino médio: um estudo exploratório. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 1-20, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO17982>

Submissão: 12 de maio de 2025. **Aceite:** 30 de maio de 2025.

Resumo: Este estudo recupera o *status* do nome ficcional como direcionador da tematização de um texto literário (Camargo, 2024; 2025), ou seja, sua natureza de hipercódigo (Eco, 1984). Há, nesse olhar, porém, ênfase na última ponta da tríade das “intenções” perspectivadas por Eco: a leitora, considerando a competência onomástica (Seide, 2021) de estudantes do ensino médio de um colégio paranaense quanto à apreensão do direcionamento da significação dos nomes ficcionais no conto “Uto-pia”, de Kristensen (2022), para a tematização do / abandono/, da /fidelidade/ e da /esperança/.

Palavras-chave: Nome ficcional. Hipercódigo. Tematização. Literatura contemporânea brasileira. Amanda Kristensen.

* Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), Cassilândia, MS, Brasil. E-mail: amanda.camargo@uem.br

** Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, PR, Brasil. E-mail: marcia.seide@unioeste.br



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo socializa resultados iniciais do estágio pós-doutoral *A bússola textual e a recepção estética do antropônimo ficcional¹ em contos brasileiros contemporâneos*, realizado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) em parceria com o projeto *Onomástica, ODS e Ensino*, desenvolvido por Seide².

Considerando o funcionamento literário do nome próprio em textos ficcionais brasileiros publicados nos últimos cinco anos e sua recepção em ambientes escolares e universitários – perspectivando um gerenciamento de dados³ que contempla a recepção de textos literários da literatura brasileira contemporânea do ensino fundamental até o ensino superior –, este recorte pretende estabelecer relações entre os conceitos de Umberto Eco (1984): intenção do autor (*intentio auctoris*), intenção do texto (*intentio operis*) e intenção do leitor (*intentio lectoris*), respectivamente quanto à elaboração, estruturação e recepção de nomes ficcionais no conto contemporâneo “Uto-pia” (2022), de Amanda Kristensen⁴, considerando a relevância do nome ficcional para o direcionamento dos sentidos globais dos textos literários, ou seja, dos processos de tematização.

Camargo (2024), em recente comunicação, relaciona a intenção autoral, mediante entrevista com o autor José Nascimento, e a análise da intenção da estrutura textual do conto brasileiro em questão para situar o nome ficcional enquanto hipercódigo e defender singularmente a capacidade de o prenome *Matilda*, presente no título do conto e referente à personagem principal elaborada por Nascimento (2022), recuperar a personagem *Matilda* (1988), originalmente presente na obra do inglês Roald Dahl e, posteriormente, no longa-metragem de DeVito (1996), colocando em tensão, desde o título, a relação intertextual entre duas existências ficcionais femininas pela associação da temática da liberdade e da proibição da leitura, antecipando a tematização da violência simbólica da personagem feminina cujo ápice, em Nascimento (2022), se dará com um estupro sofrido por Matilda – obliterada no corpo e em seu desenvolvimento intelectual⁵. Posteriormente, Camargo (2025), ao avaliar suas próprias obras literárias “Ciranda de Lia” e “Inês sem lastro”, em “Os nomes femininos em ‘Ciranda de Lia’ e ‘Inês sem lastro’”, de Amanda Kristensen (2023), como artifício da tematização da violência contra a mulher⁶, amplia a defesa e a descrição do nome ficcional enquanto hipercódigo, articulando a intenção autoral – a motivação da nomeação ficcional – a procedimentos de estruturação e construção do direcionamento da significação desta na tessitura do literário, perspectivando, mais uma vez, a intertextualidade dos nomes ficcionais – a saber, Inês de Castro em tensão à elaboração de “Inês sem lastro”; Eulália e Ismália, respectivamente de Colasanti e

¹ Nomes de personagens.

² O projeto de pesquisa *Onomástica, ODS e Ensino*, desenvolvido por Seide, conta com financiamento da Fundação Araucária: Bolsa Produtividade Edital 23/2023, PRD2023361000041.

³ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, obtendo Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 83223124.8.0000.0107.

⁴ Autora das obras de contos *Entre-Terras* (Patuá, 2022), *Pelas frestas* (Patuá, 2022) e *Os segredos de vó Trudes* (Caravana, 2024) e da obra poética *(In)significações*, que assina vários textos premiados em antologias.

⁵ A aferição da recepção leitora quanto ao arranjo da nomeação ficcional do conto em questão “Matilda quer ler”, de Nascimento (2022), está em fase de publicação.

⁶ Artigo publicado pela revista *Norteamentos*. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/13779>. Acesso em: 11 nov. 2025.

Alphonsus Guimaraens, para a elaboração de “Lia” – redução morfológica e intertextual relevante à percepção da tematização da violência contra a mulher direcionada pelo hipercódigo e comprovada em relação aos demais signos.

Esta pesquisa, por sua vez, sem ignorar a intenção que perpassa a criação de nomes ficcionais (intenção autoral) e seu direcionamento de significação estruturado pelo texto (intenção textual), propõe aferir, especialmente, a intenção leitora específica quanto à recepção do nome ficcional e, especialmente, o que chamamos conhecimento onomástico (doravante CO) de estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola pública de Cascavel/PR. Assim, a tensão dos direcionamentos dos sentidos do nome ficcional estruturado na tessitura literária e sua recepção leitora será aferida mediante interpretação do conto contemporâneo “Uto-pia” (Kristensen, 2022) e da relação dos nomes ficcionais para a tematização das oposições estruturais⁷ (Bertrand, 2003) infidelidade/fidelidade, aproximação/afastamento e esperança/desesperança, considerando as gradações do CO – níveis de conhecimento dos usos e valores dos nomes próprios em sociedade, dos conhecimentos gramaticais básicos ao conhecimento erudito (Seide, 2021).

Isso posto, na primeira seção deste estudo – “Definição de nome próprio em consonância com o fazer interpretativo de textos literários” –, recuperamos, em diálogo com a onomástica, ou seja, a disciplina referente aos estudos dos nomes próprios, a definição interdisciplinar de nome próprio de Seide (2021, p. 86), que parte do pressuposto de que o nome próprio é um endereço conceitual complexo que reúne em sua função referencial, “[...] o conhecimento sobre como em determinada língua e cultura os nomes são usados e suas características gramaticais, o conhecimento erudito sobre a etimologia e a origem dos nomes” e conhecimentos adquiridos por vivências, os quais correspondem ao componente enciclopédico ao qual se dará mais destaque na segunda seção desta pesquisa: “O conhecimento onomástico no processo de interpretação de textos literários”. Ressaltamos a relevância de que se considerem, a partir do conceito de “conhecimento onomástico ideal do falante”, os componentes associados à dimensão enciclopédica do uso dos nomes para o sucesso dos direcionamentos neles estruturados a fim de contribuir para a tematização dos textos literários, ou seja, para a compreensão do processo de transformação de estruturas narrativas e discursivas em conteúdos que adquirem relevância temática (Bertrand, 2003). Na terceira seção da pesquisa, “Os nomes próprios nos processos de interpretação e recepção estética”, as relações entre antroponomástica – ciência e disciplina referente ao estudo dos nomes próprios de pessoa –, literatura, semiótica, fenomenologia e hermenêutica são recuperadas e aprofundadas, a fim de amparar, em diálogo com os estudos recentes da antroponomástica ficcional, a defesa teórica do nome ficcional enquanto hipercódigo. Na seção que antecede nossas considerações finais, “O nome ficcional em “Uto-pia”, de Amanda Kristensen (2022), para a tematização da fidelidade/infidelidade; permanência/abandono; esperança/desesperança”, propomos demonstrar pela intersecção entre a análise da estrutura literária do conto em questão e a aferição da recepção leitora intersecções entre conhecimento onomástico e interpretação do texto

⁷ Para Bertrand (2003), tensão semântica que estrutura o conflito narrativo ou ideológico.

literário para direcionamento da tematização das oposições estruturais fidelidade/infidelidade, permanência/abandono, esperança/desesperança a partir, especialmente, dos significados associativos e emotivos dos nomes ficcionais – componentes enciclopédicos (doravante CE) 8 e 9 de Seide (2021, p. 85).

Por fim, por meio da aferição da recepção literária guiada do conto brasileiro contemporâneo “Uto-pia” (Kristensen, 2022), ou seja, de uma leitura compartilhada, de uma discussão inicial e da aplicação, em 25 de outubro de 2024, de exercícios de interpretação dos sentidos do texto literário a 21 estudantes de uma escola do ensino médio de Cascavel/PR, destacamos em nossas considerações finais como as interpretações visitadas confirmam nossas hipóteses iniciais quanto à capacidade de o antropônimo ficcional ativar aspectos da tematização de um texto literário.

DEFINIÇÃO DE NOME PRÓPRIO EM CONSONÂNCIA COM O FAZER INTERPRETATIVO DE TEXTOS LITERÁRIOS

A recepção de textos literários demanda a ativação de conhecimentos que ultrapassam a constatação da denotação lexicológica a partir das relações saussurianas aparentemente estáveis de valor linguístico⁸, implicando, inclusive, a dinâmica da recepção e atualização da obra literária, a necessidade de recorrer à memória de outros textos – literários e não literários – para o estabelecimento de relações de intertextualidade que determinam diferentes níveis de compreensão.

A interpretação literária é relativamente subjetiva à medida que sua recepção, além da possibilidade hermenêutica, faz-se sensível; isso posto, o auge da catarse, ou o que podemos chamar, com base em Frye (1957), de reconhecimento⁹, apresenta diferença de leitor para leitor conforme suas vivências, suas experiências e expectativas; como é sabido por todos, quanto mais uma obra literária se presta a diferentes e variadas atualizações de leitura ao longo do tempo, mais ela será percebida como uma obra relevante, exatamente pela sua capacidade múltipla de (de)formar e (re)criar as fronteiras da realidade cognoscente dos sujeitos.

Por outro lado, há que se considerar, de acordo com Eco (2005), os limites hermenêuticos de um texto literário, ou seja, sua possibilidade de interpretação e superinterpretação, já que sua estrutura tensiona intenção autoral e leitora, ao mesmo tempo que implica bases para um direcionamento crítico-interpretativo, o que, nas palavras do autor, considera-se Leitor-Modelo. A aferição das diferentes faces dos sentidos desse pilar-textual¹⁰, por sua vez, pode ser teorica-

8 Para Saussure (2006), o valor do sinal linguístico, ou seja, a possibilidade de significação advinda da junção entre significado e significante, dá-se pela diferença; /gato/ pode vir a ser substantivo ou adjetivo; ou seja, a depender de suas relações, constituem-se significados diferentes; já os nomes próprios seriam uma exceção, por não adquirirem valor nas relações, ou seja, não seriam linguisticamente significativos, mas “etiquetas referenciais”. Consideramos, em consonância com Derrida (1967), que, para além da instabilidade estrutural saussuriana da ideia da valor, há em todo e qualquer texto escrito certa instabilidade do significado, uma vez que o imaginário está direcionado pela cultura; o texto literário, por sua vez, não apenas apresenta instabilidade de sentidos, mas também dialoga intencionalmente com essa instabilidade, esse “átrito” das possibilidades significativas, estabelecendo, na estrutura textual, intenções autorais variadas quanto às possibilidades de deslizamento dos conceitos enciclopédicamente estabelecidos; ademais, neste estudo tampouco o nome próprio em sociedade e ainda mais o nome ficcional seriam vazios de significação; contudo, são o sinal mais significativo de todos, porque, além de nomes de nomes (Bréal, 1992), são a marca linguística da reminiscência (Barthes, 1976, p. 58) – designam, evocam, exploram, sempre, uma lembrança.

9 O ponto sensível de reconhecimento do leitor acerca de uma possível significação que lhe parecia oculta até determinado momento da sua leitura pode vir a direcionar movimentos interpretativos teóricos que respeitem a intenção da estrutura do texto.

10 É importante compreender que não se defende, aqui, uma interpretação una, ou qualquer entrelaçamento sublime entre a intenção autoral e a intenção leitora, mas sim que, dentre as múltiplas possibilidades de interpretação para um texto, há limites

mente elaborada a partir da relação entre a dimensão semiótica, antropológica, linguística e enciclopédica do caminho de significação verbal e não verbal das sociedades, uma vez que este constitui necessariamente um imaginário, ou, melhor, para Durand (1997), uma “estrutura antropológica do imaginário”. A partir desta, diferentes arquétipos e símbolos são figurativizados e tematizados¹¹ de maneira recorrente – menos nova e mais dialógica – ao longo das produções literárias universais¹².

Na lógica das relações lexicais de uma obra literária, devem-se ressaltar os nomes próprios enquanto um signo a ser interpretado pelo leitor, que não apenas o relacionará à identificação de uma personagem, mas também poderá lhe atribuir uma função significativa de acordo com seu conhecimento enciclopédico. Por estar impregnado de sentidos e conotações latentes, o nome próprio em contextos ficcionais nitidamente extrapola a função referencial ou dêitica, ou seja, aquela relacionada à singularização de entes ficcionais, apresentando funções específicas: desde sumarizar, ironizar, propor relações de intertextualidade (associativas), entre outras (Camargo, 2018; Dvořáková, 2018). Do ponto de vista linguístico, os nomes próprios pertencem à classe dos substantivos e podem ser constituídos por apenas uma palavra ou por um conjunto de palavras, isto é, por uma elocução substantiva. Uma das gramáticas normativas que melhor exemplifica essa subclasse dos substantivos é a de Almeida (1961, p. 80), na qual se lê que:

São próprios os substantivos que designam: 1. pessoas: Alberto, José, Fernando; 2. Coisas personificadas: a Fortuna, a Inveja; 3. Nações, estados, cidades, localidades, acidentes geográficos: Brasil, Recife, Itatiaia, Tocantins; 4. Entidades, organizações, corporações juridicamente constituídas: Associação dos Comerciários, A Casa do Professor, O Diário do Povo. Os exemplos do quarto grupo constituem locuções substantivos, isto é, são substantivos formados por mais de uma palavra.

No que se refere ao modo de conceituar o substantivo próprio e o diferenciar do nome comum, um estudo comparativo de várias gramáticas publicadas ao longo do século mostrou total consenso: “[...] em todas, há a ideia de o que diferencia esta subclasse de palavras é o seu uso unívoco para fazer referência a um ser individualizado” (Seide, 2021, p. 49). Essa concepção de nome próprio faz-se adequada a uma das funções do nome próprio, porém não abarca tudo que o nome próprio é, nem trata da maneira como os nomes próprios são utilizados, pois não descreve nem analisa com quais propósitos e funções eles são utilizados. O conceito de nome próprio utilizado nesta pesquisa propõe uma natureza interdisciplinar e que considera o sujeito em suas relações sociocognitivas, enfatizando a mobilização de “conhecimento onomástico” para que se chegue à compreensão do nome ficcional enquanto hipercódigo, ou seja, com base em Eco (1984), um signo que antecede e direciona significação. Para Seide (2021, p. 86),

lógicos de compreensão; conforme argumenta Eco (2005, p. 45), “[...] qualquer interpretação feita de uma parte de um texto pode ser aceita se for confirmada por outra parte do mesmo texto, e deverá ser rejeitada se a contradisser.

¹¹ Figurativização e tematização são conceitos da semiótica literária de Bertrand (2003), respectivamente associados aos processos de tornar conteúdos abstratos reconhecíveis a partir de figuras – objetos de mundo, ações etc. – e seu caminho oposto, a geração da percepção de uma rede de sentidos gerada pela tensão das figuras; assim, um mesmo tema pode ser figurativizado de maneiras diversas.

¹² Para Eco (2005), há, inclusive, automatismos associativos eficazes que associam imagens, palavras e metáforas em tensão ao contexto social, considerando, necessariamente, a condição de uma semântica enciclopédica.

O nome próprio é um nome singular, um objeto abstrato armazenado num endereço conceitual na mente do falante composto por um componente lógico, um componente lexical e um componente enclopédico. Enquanto o primeiro responde pelo processamento necessário das informações para se chegar à compreensão de elocuções nas quais os nomes próprios são utilizados, os dois últimos integram o conhecimento linguístico e de mundo relativos ao nome próprio e correspondem ao conhecimento onomástico do falante ideal, e pode abranger desde o conhecimento como em determinada língua e cultura os nomes são usados e suas características gramaticais até o conhecimento erudito sobre a etimologia e a origem dos nomes.

A perspectiva de Seide (2021) nos permite considerar que, em um texto literário, há níveis de interpretação do nome ficcional, que perpassam desde seu conhecimento básico – como os nomes próprios são usados, gênero e número¹³ de nomes próprios – até suas articulações intertextuais necessariamente enciclopédicas e associadas ao conhecimento erudito, conforme aprofundaremos na seção que segue.

O CONHECIMENTO ONOMÁSTICO NO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS

O conhecimento onomástico foi descrito e analisado por Seide (2021) em 15 componentes, sendo um deles, o componente 14, como relativo ao conhecimento dos usos e valores dos nomes próprios em contextos ficcionais: nosso objeto de investigação. O Quadro 1 dá uma visão em conjunto do que constitui o conhecimento onomástico do falante ideal:

1. significado denominativo procedural na linguagem cotidiana (como os nomes próprios são usados)
2. relação entre nome e referente conhecidos ou mencionados no cotidiano (que nome as pessoas e os lugares têm, por exemplo)
3. repertório (conjunto e tipos de nomes próprios conhecidos) pode incluir nomes em outros idiomas
4. pronúncia dos nomes conhecidos e regras supostas para a pronúncia de nomes desconhecidos (como os nomes são pronunciados)
5. grafia segundo as regras ortográficas do idioma (pode incluir conhecimento sobre a grafia de nomes de outros idiomas)
6. informação gramatical (como gênero e número dos nomes próprios)
7. constituição (número de nomes que pode haver em um prenome ou em um topônimo, por exemplo)

(continua)

¹³ A compreensão dos nomes próprios quanto à entrada gramatical – por exemplo, o conhecimento de que os nomes próprios geralmente estão no singular – pode ser base para compreensões enciclopédicas, caso da pluralização de João e Ulisses no conto “Uto-pia”.

8. significado associativo (forma-se de acordo com as vivências do falante com as referências dos nomes)
9. significado emotivo (presente, por exemplo, nos hipocorísticos, nos quais há uma conotação afetiva nos nomes)
10. fatores sociolinguísticos (presunção sobre a classe social e sobre o gênero dos nomes próprios de pessoa, por exemplo)
11. imaginários etnossocioculturais (como presunção sobre qualidades atribuídas aos nomes, como a de que nomes de pessoa em língua inglesa têm mais prestígio do que nomes em língua portuguesa)
12. processo de nomeação (quem nomeia e quando, pode incluir aspectos legais da nomeação oficial)
13. motivação da nomeação (conhecimento sobre a história da escolha do nome, do porquê um determinado nome foi escolhido)
14. usos e valores de prenomes no mundo ficcional (literatura, cinema, minisséries, telenovelas, games etc.)
15. significado etimológico e/ ou histórico

Quadro 1 – Conhecimento onomástico do falante ideal

Fonte: Adaptado de Seide (2021).

Para os fins deste artigo, admite-se que o conhecimento onomástico é parte daquilo que é necessário para que a recepção do texto literário e sua compreensão ocorram e que toda competência, neste caso, a de saber interpretar os nomes próprios em contexto ficcional, requer conhecimento. Tal fenômeno torna necessário compreender como o conhecimento onomástico ora descrito está relacionado com a competência interpretativa mais ampla que se atrela à recepção estética do antropônimo ficcional na literatura brasileira contemporânea, uma vez que há direcionamentos semânticos estabelecidos pelo nome próprio em contexto ficcional, fazendo com que tal signo se comporte enquanto norteador do processo de interpretação¹⁴ do texto literário. Neste recorte, serão avaliadas, especialmente, as competências interpretativas respaldadas no conhecimento onomástico relativo ao componente associativo e emotivo (respectivamente, componentes 8 e 9), considerando a associação entre o nome ficcional e o que de informação o texto traz sobre ele, bem como a compreensão do valor emotivo da abreviação de um nome, ou seja, do uso dos hipocorísticos, relevantes à compreensão ampla dos usos e valores do nome ficcional no texto literário (componente 15), especialmente no conto “Uto-pia” (Kristensen, 2022). Antes, porém, que se chegue à descrição dos dados quanto à recepção e interpretação de estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola pública da cidade de Cascavel/PR quanto ao direcionamento dos nomes ficcionais para a tematização em “Uto-pia”

¹⁴ Entendemos o processo interpretativo a partir do diálogo entre as perspectivas de Eco e Jauss. Quanto ao primeiro, consideramos para o estabelecimento da interpretação do texto literário o conceito de Leitor-Modelo, o que implica afirmar que há um direcionamento de percurso interpretativo comum à própria tessitura textual; quanto ao segundo, percebemos que, embora não estanques, é possível depreender três momentos fenomenológicos do interpretar: o perceptual-imediato, o exegético-reflexivo e o histórico-efeitual, os quais se relacionam, hermeneuticamente, com o compreender, o interpretar e o aplicar.

(2022), resta considerar que as relações aqui empreendidas entre onomástica ficcional – estudo dos nomes próprios na tessitura ficcional – e os estudos semióticos de Umberto Eco e Bertrand, respectivamente, quanto ao hipercódigo e à tematização, implicam um caminho teórico necessariamente dialógico com a teoria e estética da recepção, conforme se demonstra na seção que segue.

OS NOMES PRÓPRIOS NOS PROCESSOS DE INTERPRETAÇÃO E RECEPÇÃO ESTÉTICA

Embora um texto implique um Leitor-Modelo, a pesquisa apresentada neste artigo pressupõe a competência onomástica dos leitores¹⁵ e parte da hipótese de que um mesmo antropônimo ficcional – enquanto hipercódigo¹⁶ – gere níveis diferentes de significação a partir do estabelecimento de sua relação lexical e semântica com a construção das personagens. Sendo assim, é necessário averiguar a possibilidade de delineamento de ponto(s) de convergência quanto à significação do antropônimo ficcional no processo de elaboração (*intentio auctoris*), textualização (*intentio operis*) e recepção (*intentio lectoris*) do texto literário, para então compreender de que maneira os estudos antroponímicos podem contribuir para a ampliação dos processos fenomenológicos e hermenêuticos de compreensão do texto literário na educação básica e superior. Considerando, portanto, a teorização das funções semânticas que o antropônimo exerce quanto à identificação (Camargo, 2018) e conceituação (Camargo, 2022) do sujeito ficcional já estabelecidas pela literatura especializada como caracterizadora, alusiva, mítica, simbólica etc. (Debus, 2002; Dvořáková, 2018; Camargo, 2018), pretende-se ampliar tal discussão do nome próprio inserido no texto ficcional, (re)considerando-o, pela perspectiva de Umberto Eco, como um hipercódigo: uma forma textual onomástica de hipercodificação¹⁷ (logo, significativa) que perspectiva a interpretação semântico-enciclopédica de um Leitor-Modelo, passível, pois, de direcionamento à interpretação dos leitores. Para que se chegue à compreensão de Eco acerca da perspectivação de um Leitor-Modelo¹⁸ contemplado pela própria *intentio operis*, ou seja, intenção do texto, é necessário compreendê-lo amplamente como teórico comum à teoria da recepção, perspectiva que precede a estética da recepção, essa última amplamente associada às respectivas obras dos alemães Wolfgang Iser (1996, 1999) – *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* – e Hans Robert Jaus (1979) – *A história da literatura como provocação à teoria literária*.

Os estudos que pensam a significação de textos atrelada à presença de um leitor não passivo têm sua aplicação à descrição do objeto literário especialmente a partir dos seguintes contextos históricos: a) da crítica da fenomenologia da

.....

¹⁵ Faz parte do conhecimento onomástico do falante o conhecimento sobre as características linguísticas dos nomes próprios em sua língua materna e sobre como eles são usados na comunidade linguística da qual ele faz parte. Ressalte-se que esse conhecimento pode ou não incluir aqueles relacionados ao estudo do significado etimológico dos nomes próprios, mas, com certeza, inclui as crenças e atitudes do falante a respeito desses nomes (Seide, 2021, p. 60).

¹⁶ Propõe a antecipação de sememas: significados mínimos.

¹⁷ Signo que, a partir de sua pragmática, antecipa um semema: uma unidade mínima de produção de sentido.

¹⁸ O Leitor-Modelo constitui um conjunto de condições de êxito, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial (Eco, 1986, p. 45). “Para realizar-se como Leitor-Modelo, o leitor empírico tem naturalmente deveres ‘filológicos’, ou seja, tem o dever de recuperar, com a máxima aproximação possível, os códigos do emitente” (Eco, 1986, p. 47).

consciência transcendental de Husserl (1900)¹⁹, presente na obra de Roman Ingarden: *A obra de arte literária*; b) da crítica hermenêutica de Gadamer, herdeira do “preconceito” implícito ao *Dasein* heideggeriano superado em Jauss; e c) da perspectiva semiológica de Umberto Eco, triade complexa que envolve as três grandes áreas acerca da epistemologia da significação: a fenomenologia, a semiótica e a hermenêutica. Utilizando uma perspectiva fenomenológica à teoria literária, Ingarden (1960) propõe uma dialética entre os conceitos filosóficos de “ser real” e “ser ideal”, considerando que a síntese “ser intencional” busca investigar por uma terceira via – a puramente intencional –, a estrutura e o modo de ser dos objetos imersos na tessitura ficcional. Assim, o austriaco considera certa dualidade da obra literária, sendo esta primordialmente intencional²⁰ (Ingarden, 1979, p. 4) e uma produção estratificada: respectivamente, quanto à questão ontológica, a obra literária não é autônoma, mas sim dependente da consciência que a cria; quanto à sua organização “acabada”, apresenta formações fônico-lingüísticas, unidades de significação, objetividades apresentadas e aspectos esquematizados (Ingarden, 1979, p. 46). Isso posto, embora tenha a obra literária um modo de ser puramente intencional – que necessariamente pressupõe um processo artístico de uma consciência e uma recepção leitora que atualize os elementos potenciais da obra (Iser, 1999, p. 122), é fundamental “[...] apreender a obra na sua natureza esquemática e não a confundir com as concretizações singulares que surgem nas leituras individuais” (Ingarden, 1979, p. 289). Interessa-nos fazer o adendo relevante de que Ingarden admitia que a obra literária tem dois polos que podem ser chamados de polo artístico e estético e nossa intenção será, exatamente, perceber pontos de encontro quanto ao *continuum* dialógico de ambos os polos mencionados. Para Ingarden (1979, p. 294 *apud* Iser, 1996, p. 50), o polo artístico designa o texto criado pelo autor e o estético a concretização produzida no leitor. Especialmente, pois, a partir do segundo fator dessa polaridade é que Iser (1996, p. 50, grifos nossos) abre espaço para o teoria do efeito estético, compreendendo que:

[...] a obra literária não se identifica nem com o texto, nem com sua concretização. Pois a obra é mais que o texto, é só na concretização que ela se realiza. [...] a obra tem forçosamente caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às disposições caracterizadoras do leitor. Dessa virtualidade da obra resulta sua dinâmica, que se apresenta como condição dos efeitos provocados pela obra. O texto, portanto, só se realiza através de uma consciência receptora. Desse modo, é só na leitura que a obra enquanto processo adquire seu caráter próprio [...] A obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor.

¹⁹ A máxima de Husserl, “Para as coisas em si!”, significa que a filosofia precisa voltar para uma descrição pura das coisas em si como elas são experimentadas. Seu exemplo famoso é andar ao redor de uma mesa. De cada posição, experimentamos apenas uma perspectiva particular da mesa. Nós nunca vemos a mesa inteira, ainda que na experiência tenhamos também consciência da mesa inteira. Para explicar esse fenômeno, Husserl afirma que já que a consciência sempre é consciência de alguma coisa, e nós temos consciência da mesa inteira, esta percepção da mesa inteira precisa ser um ato da consciência em si mesma. Em termos técnicos, Husserl afirma que num ato intencional a consciência propõe a mesa inteira para si mesma como o objeto intencional. O objeto intencional pode então ser confirmado ou refutado por experiências posteriores. Além de objetos físicos, os conceitos ou significados também são objetos intencionais. O eu transcendental, enquanto consciência, intenciona os objetos da consciência (Schmidt, 2020, p. 79-80).

²⁰ Para Ingarden (1979, p. 239, grifo nosso), “a referência intencional contida na significação é, por assim dizer, o reflexo do pensar intencional contido no ato doador de significação. A intencionalidade da palavra é uma intencionalidade emprestada pelo ato correspondente [...] o ato de consciência cria propriamente algo que anteriormente não existia, embora nada consiga criar que uma vez criado possa existir com autonomia no seu próprio ser. O criado neste caso em comparação com o ser real, o ser ideal e finalmente o da pura consciência é apenas algo análogo à ‘aparência’, algo que apenas pretende ser alguma coisa sem todavia o ser no sentido da autonomia real. [...] as objetividades apresentadas numa obra literária são intencionais, pois têm como fundação existencial imediata as unidades de significação”.

Embora Iser (1999, p. 191) afirme a relevância da materialidade textual para a significação, parte de sua negatividade: “[...] lugares vazios [...] e não dito [que] constitui o dito” para elaborar sua perspectiva que se aproxima menos da interpretação do texto literário, ou seja, da questão hermenêutica – da perspectiva artística da obra – que da investigação fenomenológica focalizada na descrição da transcendência imaginativa do leitor. Iser (1996, p. 79) constrói, então, uma perspectiva idealista de leitor: o Leitor Implícito, que

[...] consegue constituir o horizonte de sentido, ao qual é conduzido pelas perspectivas matizadas do texto, mas [...] apenas a imaginação é capaz de captar o não-dado, de modo que a estrutura do texto, ao estimular uma sequência de imagens, se traduz na consciência receptiva do leitor. O conteúdo dessas imagens continua sendo afetado pelas experiências dos leitores.

Umberto Eco, semiótico italiano e teórico da comunicação, também considera que um texto apresenta espaços em branco a serem preenchidos por um árduo processo de inferenciação leitora, porém sua noção de Leitor-Modelo, revisitando tantas outras já realizadas mesmo antes do Leitor Implícito de Iser, caminha para deixar-se de lado uma “[...] transcendência pouco tátil do papel do leitor para dar lugar a uma teoria pragmática, funcional do papel do leitor como ente a ser capacitado para que o texto seja realizável” (Catalano, 2023, p. 37). Assim, embora não desconsideremos a questão transcendental da imaginação leitora para a atualização dos (re)conhecimentos presentes em uma obra, centrarmo-nos teoricamente quanto à busca pela possibilidade descritiva da recepção do nome ficcional pautados pela perspectiva pragmática de Eco, uma vez que esta parece contemplar ambas as polaridades de Ingarden, considerando o percurso da recepção guiada por questões estruturalistas – o que é comum à estrutura do literário, mas não fechadas a tal corrente da teoria da literatura, porque contempla, ainda, apontamentos da semiótica filosófica peirciana e discursiva de Greimas, por exemplo – não ignorando, por fim, a própria possibilidade de um leitor empírico utilizar um texto de maneira maliciosa ou funcional (Eco, 1986, p. 43) não delimitada pelas intenções (discursivas) e extensões (narrativas) do texto.

As perspectivas dos autores da teoria da recepção caminham num *continuum* hermenêutico e fenomenológico²¹ a partir de uma ótica não necessariamente estanque quanto à relação necessária entre a significação do texto literário e sua recepção estética. Ao longo das produções bibliográficas comuns e as este estudo, focalizar-se-ão especialmente os lugares-comuns e as críticas das perspectivas de Umberto Eco, Gadamer e Jauss aplicadas à recepção do antropônimo ficcional, considerando sua compreensão no texto literário, especialmente pela refração do conceito de Eco de hipercódigo, uma forma textual onomástica de hipercodificação (logo significativa) que perspectiva a interpretação semântico-encyclopédica de um Leitor-Modelo. Para isso, partimos do princípio de que o objeto literário deve

[...] ser concebido como uma estrutura de normas, que apenas em parte é realizada na experiência concreta dos seus numerosos leitores. Todas as experiências

²¹ Para fins ilustrativos: efeito estético e o leitor implícito (Iser, 1996), transacional (Rosenblatt, 1978); estilística afetiva (Fish, 1970) e teoria subjetiva da resposta do leitor (Bleich, 1981).

individuais (leitura, recitação etc.) não são mais do que tentativas – mais ou menos bem-sucedidas e completas – de apreender este conjunto de normas e padrões (Wellek; Warren, 1965, p. 187).

Isso posto, para considerar o *continuum* da recepção de obras futuramente estabelecidas e, especialmente, o papel de seus respectivos antropônimos para a construção de sentidos comuns à obra, resta partir imprescindivelmente da intenção do texto implícita à sua organização estratificada, sem desconsiderar, por fim, as diversas variantes psicossociais e enciclopédicas quanto aos leitores a serem contemplados por este estudo. Para isso, será mobilizada, a partir da agora, além do que consideramos em consonância com Jauss (1979), uma abordagem hermenêutica dos “momentos fenomenológicos do interpretar”: o perceptual-imediato, o exegético-reflexivo e o histórico-efeitual, a relação desses momentos da ampla recepção leitora com a recepção do nome ficcional e sua maior ou menor correspondência às intenções autorais, textuais (estruturais) e históricas – esta última face associada a interpretações pretéritas de um texto –, às noções de hipercódigo e tematização, ou seja, como os nomes próprios em “Utopia” são percebidos/ativados (ou não) enquanto direcionamentos para a tematização da fidelidade/infidelidade; permanência/abandono; esperança/desesperança.

O NOME FICCIONAL EM “UTO-PIA”, DE AMANDA KRISTENSEN (2022), PARA A TEMATIZAÇÃO DA FIDELIDADE/INFIDELIDADE; PERMANÊNCIA/ABANDONO; ESPERANÇA/DESESPERANÇA

No dia 25 de outubro de 2024, houve a aplicação de questões de interpretação acerca do conto “Uto-pia”, da contista contemporânea Amanda Kristensen, a 21 alunos de uma escola pública da região de Cascavel/PR. As questões foram elaboradas a partir dos “momentos fenomenológicos do interpretar” de Jauss (1979). Propôs-se uma leitura silenciosa inicial, pautada pelo que Jauss denomina momento “perceptual-imediato”: a recepção espontânea e sensível do texto literário, em que os discentes reagiram e comentaram o texto com base em suas expectativas, experiências e repertório cultural, seguindo-se nova leitura coletiva pautada pelo direcionamento exegético-reflexivo, ou seja, uma perspectiva analítica da estrutura para direcionamento dos sentidos, embasada, especialmente, na recepção dos nomes ficcionais para tematização do texto. Quanto ao momento histórico-efeitual – a reflexão da recepção da obra ao longo do tempo –, embora devamos considerar a publicação recente do conto – 2022 em meio digital e 2023 em meio físico –, há que se tecer um breve comentário quanto à intenção autoral e estrutural do texto do direcionamento da temática do /abandono/ e a concretização formal da publicação do conto em questão ser precedida de uma exigência temática: a /saúde/. “Uto-pia” foi publicado em 21 de dezembro de 2022, na classificação de “conto”, no blog *As Contistas*. Posteriormente, em 2023, foi selecionado como “crônica”²² pelo projeto *Viajando na Leitura* e publicado na *Antologia Viajando na Leitura: Melhores Textos* (2023), concurso

²² Por questão da limitação da extensão deste recorte, atentarei-nos-emos à discussão acerca da classificação de um texto literário, considerando, ainda, conto e crônica narrativas breves e que podem, pela temática do cotidiano, estar absolutamente associadas.

DOSSIÉ

literário cujo objetivo era “promover e incentivar” a leitura junto aos usuários do sistema de transporte coletivo de Piracicaba e cujo tema foi “[...] saudade, uma referência ao *Saudade*, livro mais importante escrito por Thales Castanho de Andrade” (Autores diversos, 2023). Assim, ao ser selecionado, o texto literário em questão passou por uma comissão julgadora “[...] formada por pessoas da área educacional ou com grande experiência em concursos literários” (Autores diversos, 2023), contemplando o texto literário em sua antologia de selecionados a partir do tema da “saudade”, temática que, pelo seu *continuum* de possíveis relações semânticas no texto literário em questão, ativa também a /saudade/ pela perspectiva do abandono. Há, portanto, confirmações quanto à recepção temática de “Uto-pia” associada à saudade e ao abandono a partir da triade de Eco (1984) e da perspectiva histórico-efeitual de Jauss (1979).

Retomando, pois, a descrição dos procedimentos quanto à aplicação da interpretação textual do conto “Uto-pia”, há que se mencionar a realização de uma discussão inicial realizada pela mediadora (Anexo 1), que perspectivou uma superação da subjetividade inicial da recepção e propôs os primeiros questionamentos sobre como os discentes percebiam os nomes ficcionais e como e por que estes produziam determinados efeitos de sentido, especialmente quanto à elaboração de pares de oposição – a estruturação binária – para a tematização. A discussão inicial e as questões de interpretação (Anexo 2) foram elaboradas em diálogo com: Eco (1984) e a intenção do autor e do texto; Bertrand (2003) e a necessária relação entre pares de oposição para a geração de sentido; e os componentes do conhecimento onomástico de Seide (2021).

A seguir, aferimos trechos literários essenciais à ativação dos componentes associativo (8) e emotivo (9) dos nomes ficcionais para a tematização dos pares de oposição fidelidade/infidelidade; permanência/abandono e esperança/desesperança, exigidos pelas questões de 6 a 8 do Anexo 2, as quais transcrevemos abaixo, para fins de ilustração.

Questão	Componente da competência onomástica enciclopédica exigido para ativação do hipercódigo (direcionamento da tematização)	Exemplo de recepção correspondente à intenção do texto (WJ3EM16)
6) É possível aproximar Ulisses e João Pedro em que sentido?	8, 9, 12, 13, 14 e 15 (Infidelidade e abandono)	“Ambos abandonaram seus parceiros.”
7) O comportamento da personagem Uto se distingue do comportamento das personagens Ulisses e João Pedro? Qual seriam as diferenças?	CE 1, 8, 9, 12, 13, 14 e 15 (Fidelidade e permanência)	“Uto não abandonou a autora, assim como Ulisses abandonou Argos”.

(continua)

Questão	Componente da competência onomástica encyclopédica exigido para ativação do hipercódigo (direcionamento da tematização)	Exemplo de recepção correspondente à intenção do texto (WJ3EM16)
8) Perceba que os nomes próprios João e Ulisses estão no plural; especialmente em “João”, percebe-se tal pluralização. Relacionando o comportamento das personagens em questão, explique a construção figurada: “esperar asas francas na multidão de João e Ulisses”.	Além de a informação gramatical do uso dos nomes próprios se restringir, geralmente, ao singular (componente gramatical 6): CE 1, 8, 9, 12, 13, 14 e 15 (Esperança)	“Esperar que apareçam pessoas como Uto, que é fiel em meio a tantos abandonadores ou infieis (João)”.

Quadro 2 – Questões que dinamizam o conhecimento associativo e emotivo do nome fíctional

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir das questões recuperadas (Anexo 2) e da ilustração de respostas consideradas correspondentes, façamos a confirmação dessa “correspondência” pelo movimento de análise estrutural do comportamento dos nomes fíctuais no texto.

No primeiro parágrafo do conto, Kristensen (2022) cita o nome de *Ulisses* e menciona seu retorno para Ítaca, destacando a cena em que a personagem, embora encontrando Argos, seu fiel cão, finge não reconhecê-lo – ainda que em seu momento de morte; logo em seguida, a narradora-personagem apresenta ao leitor *João Pedro*, por quem diz ter esperado por anos, associando-se por muito tempo a *Argos* e delimitando uma mudança de postura: “[...] Tempos após sua partida, eu, que sempre fui Argos, passei a ser capaz [...] de esperar somente certezas: os dias e as noites. João Pedro me ensinou tanto do ‘humano’, que esperas outras eram sonho”. O trecho em questão associa a narradora-personagem a *Argos* e *Ulisses* a *João Pedro*, pela aproximação de seus comportamentos, considerando, respectivamente, a fidelidade e a infidelidade. Essa ativação da competência onomástica associada ao que o leitor acaba de conhecer sobre os referentes fíctuais dos nomes em questão: João Pedro e Ulisses à /infidelidade/ é reafirmada logo após a apresentação do filhote de sabiá-laranjeira *Uto* que, adoentado, é acolhido pela narradora até o restabelecimento de sua saúde; porém, mesmo após estar saudável, retorna ao seu convívio: “Ainda era dezembro quando vi Uto na macieira do vizinho [...] Reconheceremos-nos. [...] Uto continua cantando para mim e vem bem perto, pousando os pezinhos sensíveis na sacada onde foi achado. Achamentos salvam” (Kristensen, 2022). *Uto*, portanto, embora sendo um pássaro saudável, ou seja, podendo voar, retorna à sacada da narradora-personagem para cantar, comportamento associado, portanto, à temática da /fidelidade/ outrora instaurada por outro anima, *Argos*, e contrastante com o

comportamento tão “humano” de João Pedro. A tal direcionamento temático estão agregadas, ainda, a temática do abandono e da esperança, pela tensão entre /permanência/e/abandono/; esperança/desesperança a partir da comparação entre o retorno de *Uto* e de *João Pedro*. O texto segue, e, em sua estrutura, comprova-se o direcionamento explicitado: “Não achei mais J. E embora tenha batido ainda ontem à minha porta, não o reconheço mais”. Ao referenciar *João Pedro* como *J.* e dizer que não o reconhece mais – em tensão ao reconhecimento do pássaro –, a narradora demarca seu distanciamento de *João Pedro* pela fragmentação do prenome da personagem, ou seja, pela sua referenciação apenas pela inicial: *J.* O reconhecimento desse mecanismo por parte dos sujeitos de pesquisa, ou seja, da gradação estrutural do nome como comunicação de distanciamento, está necessariamente associado ao componente emotivo e é recuperado pelas questões 3 e 4 da interpretação proposta (Anexo 2), mas exigido ao desenvolvimento do sentido dinamizado nas questões 6 a 8, respectivamente: a aproximação de Ulisses e *João Pedro* à temática da infidelidade; a diferenciação do comportamento infiel de *João Pedro* às ações de *Uto*; a temática da esperança no desfecho do conto, uma vez que a personagem aguarda, ainda, que “[...] apareçam pessoas como *Uto*, que é fiel, em meio a tantos abandonadores e infiéis (*Joãos*)”²³.

Interessa mencionar que os hipocorísticos²⁴, ou seja, alterações morfológicas que vão desde o diminutivo ao aumentativo ou abreviação de nomes próprios (Amaral, 2011, p. 72), são utilizados, geralmente, para valoração de afetividade; no texto em questão, por sua vez, embora *J.* não se trate absolutamente de uma hipocorização, a gradação do nome da personagem *João Pedro* – *João*, *J.* – desliza o uso social, trazendo a dimensão de um sentido negativo da brevidade da forma onomástica. Cabe ressaltar, inclusive, que uma das participantes da pesquisa, em resposta à questão 4 (Anexo 2), menciona o fato de ter associado, em uma primeira leitura, a alteração morfológica da referenciação: *João Pedro*, *João* e *J.* como uma forma carinhosa, entendimento que logo se alterou na leitura coletiva; esse momento da pesquisa demonstra-nos na prática o que dizia Eco (2005, p. 76) quanto aos limites da interpretação: “[...] a coerência interna de um texto domina os impulsos do leitor”. A hipótese de que os nomes ficcionais se comportam como hipercódigo, ou seja, direcionadores da tematização na obra “*Uto-pia*”, é reafirmada, em absoluto, pelo último parágrafo do conto em questão: “[...] Enquanto *Uto-pia*, renasce em mim com as manhãs uma *fidelidade de penas*, que parece ainda querer esperar asas francas na multidão de *Joãos* e *Ulisses*” (Kristensen, 2022, grifo nosso). Esse trecho associa o nome ficcional de *Uto* ao substantivo comum *utopia* – cuja significação lexicológica implica o conceito de esperança – e recupera a associação de *Uto* ao conceito de /fidelidade/ pela expressão metonímica “*fidelidade de penas*”, diferindo-o, novamente, da infidelidade de *João*. Por fim, o nome da personagem é pluralizado – *Joãos*, alegorizando a personagem enquanto expressão de um comportamento.

A análise das respostas dadas pelos alunos às questões interpretativas do questionário nos forneceu os resultados de pesquisa que buscávamos: 100%

²³ Resposta do participante WJ3EM16 à questão 8. Embora nos exija a ética a redução de nomes a códigos, há que se considerar a menção à dinamização dos sentidos elaboradas por esse participante, por ter atingido o máximo de correspondência entre sua intenção e a intenção textual,

²⁴ Pode haver hipocorísticos que se tornam nomes hipocorísticos, ou seja, formas ortônicas, oficiais.

dos 21 participantes da pesquisa são capazes de ativar as competências gramaticais do nome próprio e têm discernimento quanto ao seu uso na linguagem cotidiana²⁵; quanto à relação do nome ficcional para o direcionamento da tematização do texto literário, há o seguinte percentual: em três questões de dez²⁶ que necessariamente implicam a ativação dos componentes associativos, emotivos e enciclopédicos do nome próprio, quais sejam – questões 6, 7 e 8 (Anexo 2) – respectivamente, 81%, 76% e 71% das respostas estão correspondentes ao Leitor-Modelo²⁷ e foram identificadas pela recepção leitora. Isso posto, faz-se possível para afirmar que mais de 70% dos participantes foram capazes de ativar o conhecimento enciclopédico do nome ficcional exigido para o sucesso do direcionamento temático, associando Ulisses (intertextualidade com Odisseu, da obra *Odisseia*) e João Pedro (inclusa a graduação da referênciação em João e J.), quanto às temáticas do /abandono/ e da /infidelidade/, e Uto – nome do sabiá-laranjeira salvo pela narradora-personagem em relação ao título ambíguo Uto-pia (justaposição do nome do pássaro – Uto – à ação do seu pio matinal:piar e ao substantivo simples utopia) – à fidelidade e à esperança. A aferição da recepção guiada pelas questões 6 a 8 indicam que mais de 70% dos participantes demonstraram domínio da competência onomástica erudita, evidenciando a ativação de saberes enciclopédicos fundamentais à interpretação dos nomes ficcionais e sua articulação com os eixos temáticos da obra. O nome Ulisses foi associado às temáticas do /abandono/ e da /infidelidade/, também atribuídas ao personagem João Pedro; já Uto – nome atribuído ao sabiá-laranjeira resgatado pela narradora – foi associado aos valores da esperança e da fidelidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentidos dinamizados na estrutura textual pelo nome ficcional que apresentam correspondência total com a tensão entre a intenção autoral e a recepção leitora para a ativação das tematizações dos duplos infidelidade/fidelidade, aproximação/afastamento e esperança/desesperança ocorrem quando há, por parte dos sujeitos da pesquisa, a ativação do CO erudito, contemplado, especialmente, pelo componente enciclopédico do conceito de nome próprio descrito por Seide (2021), o qual estendemos ao nome ficcional e consideramos essencial para a compreensão do texto literário, consideradas as devidas gradações possíveis deste componente, mas sendo imprescindível sua presença para a percepção do nome como hipercódigo.

A aferição quanto à competência onomástica erudita dos sujeitos da pesquisa aponta para o fato de que mais de 70% deles demonstraram capacidade de ativar o conhecimento enciclopédico necessário à interpretação dos nomes ficcionais e sua relação para o desenvolvimento dos eixos temáticos da narrativa. Ulisses foi prontamente associado, por meio de um processo de intertextualidade, à figura de Odisseu, da *Odisseia*, evocando os temas do /abandono/ e da /

²⁵ A primeira questão interpretativa (“Instrumentos 3.1”, ver Anexo 1) implica o conhecimento do aluno quanto às competências 2 a 7 de Seide (2021) e os resultados não apresentam nenhuma divergência quanto às possibilidades de interpretação confirmadas pelo texto; apenas há interpretações consideradas parciais quando não houve a identificação e citação de algum nome próprio; ou, embora citado, não fora mencionado o referente ficcional.

²⁶ Considerando as subdivisões das questões 4 e 5 em A e B, há que se considerar um total de 12 perguntas (100%).

²⁷ Para Eco (1984, p. 101), com quem concordamos, o Leitor-Modelo é perspectivado por um Autor-Modelo ao longo do texto. O próprio texto carrega em si direcionamentos interpretativos e espaços intencionais a serem preenchidos.

infidelidade/, também atribuídos ao personagem João Pedro, cuja referência fora modificada por gradação: João Pedro, João, J. No caso de Uto, nome atribuído ao sabiá-laranjeira salvo pela narradora-personagem, os participantes reconheceram a ambiguidade do título “Uto-pia” – construção que articula o nome do pássaro (Uto), a ação depiar e ao substantivo “utopia”, associando a tal personagem os valores simbólicos da fidelidade e da esperança. Tendo em vista os resultados obtidos, podemos concluir que a maioria dos participantes da pesquisa foi capaz de mobilizar seus conhecimentos onomásticos e utilizá-los em seus processos interpretativos. São resultados que confirmam que os nomes próprios ficcionais funcionam como hipercódigos e que a coerência interna de um texto literário se confirma à intenção leitora quando há ativação do conhecimento onomásticos dos leitores.

PROPER NAMES IN LITERARY CONTEXTS IN HIGH SCHOOL: AN EXPLORATORY STUDY

Abstract: This study reexamines the status of the fictional name as a guiding element in the thematization of a literary text (Camargo, 2024, 2025), that is, its function as a hypercode (Eco, 1984). Within this framework, particular emphasis is placed on the final element of Eco's triad of “intentions”: the reader's. The analysis considers the onomastic competence (Seide, 2021) of high school students from a school in Paraná, specifically regarding their ability to apprehend how the fictional names in the short story “Uto-pia” by Kristensen (2022) direct the thematization of /abandonment/, /fidelity/, and the /hope/.

Keywords: Fictional name. Hypercode. Thematization. Brazilian contemporary literature.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1961.
- AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 11-32, 2011.
- AUTORES DIVERSOS. *Viajando na Literatura*. Realização: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba; Academia Piracicabana de Letras. Limeira: Primeira Leitura, 2023.
- BARTHES, R. *Análise estrutural da narrativa*. Tradução Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BERTRAND, D. *Semiótica literária*. Tradução Beth Brait. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- BLEICH, D. The subjective character of critical interpretation. In: TOMPKINS, J. (org.). *Reader-response criticism: from formalism to post-structuralism*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1981. p. 134-163.
- BRÉAL, M. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Tradução Américo da Costa Ramalho. Campinas: Pontes, 1992.

CAMARGO, A. K. de. *Nomes próprios no romance contemporâneo “O berro do cordeiro em Nova York”*: um estudo onomástico exploratório. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

CAMARGO, A. K. de. *Entremeios do poder*: da autonomeação ao nome de urna do pleito municipal de Cascavel e Ponta Grossa (Paraná – BR, 2020). 2022. Tese (Doutorado em Letras – Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

CAMARGO, A. K. de. A função intertextual do nome ficcional para a tematização da violência contra a mulher em “Matilda quer ler” (2020), de José Nascimento. In: JORNADAS ANTROPONOMÁSTICAS, 6., 2024, São Paulo. *Caderno de Resumos [...]*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2024. p. 28-29.

CAMARGO, A. K. de. Os nomes femininos em “Ciranda de Lia” e “Inês sem lastro”, como artifício da tematização da violência contra a mulher. *Revista de Letras Norte@mentos*, Sinop, v. 18, n. 51, p. 299-320, maio 2025.

CATALANO, F. A. *A teoria do leitor modelo, de Umberto Eco, e sua presença no romance “O nome da rosa”*: o percurso epistemológico de Umberto Eco e sua consolidação nas teorias da Estética da Recepção. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras (FCLAR), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2023.

DEBUS, F. *Namen in literarischen Werken: (Er-)Findung - Form - Funktion*. Mainz; Stuttgart: Akademie der Wissenschaften und der Literatur; Franz Steiner Verlag, 2002. Série Abhandlungen der Geistes- und sozialwissenschaftlichen Klasse, Jahrgang 2002, Nr. 2, 152 p.

DERRIDA, J. *Da gramatologia*. Tradução Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*: introdução à arquétipologia geral. Tradução Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DVOŘÁKOVÁ, Z. Notes on functions of proper names in literature. *Onoma: Journal of the International Council of Onomastic Sciences*, Leuven, v. 53, p. 33-48, 2018.

ECO, U. *Conceito de texto*. São Paulo: Edusp, 1984.

ECO, U. *A obra aberta*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ECO, U. O leitor modelo. In: ECO, U. *Lector in fabula: La cooperacion interpretativa en el texto narrativo*. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 35-49.

ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FISH, S. Literature in the Reader: Affective Stylistics. *New Literary History*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 123-162, 1970.

FRYE, N. *Anatomia da crítica*: quatro ensaios. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GADAMER, H. G. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 2009. 2 v.

HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Halle: Max Niemeyer, 1900-1901. 2 v.

INGARDEN, R. *A obra de arte literária*. Tradução Albin E. Beau. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

- INGARDEN, R. *A obra de arte literária*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1979.
- ISER, W. *O ato da leitura*. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.
- ISER, W. *O ato da leitura*. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 2.
- JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à Teoria Literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1979.
- KRISTENSEN, A. Uto-pia. *As Contistas*, 2022. Disponível em: <https://ascontistas.wordpress.com/2022/12/21/uto-pia-amanda-kristensen/>. Acesso em: 11 maio 2025.
- ROSENBLATT, L. *The reader, the text, the poem: the transactional theory of the literary work*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1978.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHMIDT, L. K. *Hermenêutica*. Tradução Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SEIDE, M. S. Proposta de definição interdisciplinar de nome próprio. *Onomástica desde América Latina*, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 70-94, 2021.
- WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura*. Tradução José Palla e Carmo. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1965.

ANEXOS

Anexo 1. Instrumentos 3.1 (momento que direciona a recepção exegético-crítica do texto literário)

- 1) No conto que você leu há nomes próprios? Se sim, faça uma lista deles e informe a que se referem (por exemplo, Amanda, professora de Língua Portuguesa).
- 2) Há alguma personagem que não tem nome nesse conto? Se há, diga, em sua opinião, por que isso acontece.
- 3) No conto, a narradora refere-se a João Pedro várias vezes. Liste as diferentes maneiras pelas quais ela chama João Pedro e diga se, na sua opinião, o modo como ele é chamado informa algo sobre como ela o avalia.
- 4) Você acha que as diferentes formas de a narradora nomear João Pedro são nomes próprios?
- 5) O nome do sabiá-laranjeira Uto e o título do conto que você acabou de ler, “Uto-pia”, tem relação com algum substantivo comum que você conheça? Se sim, diga que substantivo é esse.

Anexo 2. Questões de interpretação acerca do conto “Uto-pia”, de Amanda Kristensen (2022)

INSTRUMENTOS 3.2, aplicado em 25/10/2024, com acréscimo dos componentes gramatical (CG) ou enciclopédico (CE) envolvidos no conhecimento onomástico do falante ideal entre parênteses.

- 1) Após a leitura individual e coletiva do conto “Uto-pia”, transcreva abaixo os nomes próprios presentes na narrativa e descreva a quem se referem.

Exemplo: **Uto: sabiá-laranjeira.** Não se esqueça do título, que também é um nome próprio! (CG 2, 3, 5,6 e 7; CE 1)

- 2) A narradora-personagem do conto “Uto-pia” não tem nome. Qual a relação dessa personagem com João Pedro? Como você chegou a essa conclusão? (CG 2-7 e CE 1 e14)
 - 3) Ao longo do conto, vamos percebendo que a narradora-personagem continuamente afasta-se de João Pedro. Até o ponto em que ele bate em sua porta, mas ela, embora o veja, não o reconhece, ou seja, sua presença não lhe desperta mais nenhum tipo de afinidade. Textualmente, percebemos o distanciamento entre as personagens a partir das formas de nomeação que a narradora utiliza para se referir a João Pedro. Cite-as. (CG 2- 7, CE 1, 9 e 14)
 - 4) Agora, explique:
 - a) Os nomes que você citou na questão anterior são nomes próprios diferentes ou maneiras diferentes e intencionalmente significativas de um mesmo nome para referir um mesmo personagem? Explique. (CG 2- 7; CE 1, 9, 14)
 - b) Qual a relação desse mecanismo literário para a representação do distanciamento anteriormente mencionado? Ao longo da leitura, você havia realizado essa associação? Comente. (CG 2- 7; CE 1, 8, 9, 13, 14)
 - 5) A formação do nome **UTO-PIA**, que individualiza um sabiá-laranjeira e ao mesmo tempo o descreve pela função que este exerce na natureza – o canto –, também apresenta **ambiguidade** com um substantivo comum da língua portuguesa.
 - a) Qual seria ele? Transcreva sua significação do dicionário e mencione qual a sua relação de sentido com uma das temáticas do conto em questão: o esperar como esperança. (CG 2-7; CE 1,13, 14,15)
- Você conhecia Ulisses e Argos? Eles são personagens de *Odisseia*, uma das primeiras obras ocidentais produzidas no século VIII a.C. Observe uma das representações artísticas da cena em que Argos reconhece seu dono Ulisses e este o ignora:



Imagen 1 - Argos e Ulisses

Fonte: Briton Rivier (1890).

Releia este trecho do conto, que servirá de base para as próximas questões. “Enquanto Uto-pia, renasce em mim com as manhãs uma fidelidade de penas, que parece ainda **querer esperar asas francas na multidão de João e Ulisses**”.

- b) A combinação de palavras “fidelidade de penas” não é comum na língua portuguesa. Qual o seu significado no texto literário em questão? É possível, a partir da palavra “penas”, retomar qual personagem? Explique. (CG 2-7; CE 1,8,14)
- 6) É possível aproximar Ulisses e João Pedro em que sentido? (CG 2-7; CE 1, 8, 9, 12, 13, 14, 15)
- 7) O comportamento da personagem Uto se distingue do comportamento das personagens Ulisses e João Pedro? Quais seriam as diferenças? (CG 2-7; CE 1, 8, 9, 12, 13, 14 e 15)
- 8) Perceba que os nomes próprios João e Ulisses estão no plural; especialmente em “João” percebe-se tal pluralização. Relacionando o comportamento das personagens em questão, explique a construção figurada: “esperar asas francas na multidão de João e Ulisses”. (CG 2-7; CE 1, 8, 9, 12, 13, 14 e 15)
- 9) É possível dizer que a narradora-personagem sofre uma violência simbólica: um abandono, uma alienação matrimonial, realidade de muitas mulheres. O fato de ela não ter um nome auxilia nesse reconhecimento do leitor quanto à ampla vivência do abandono. Mas, se você pudesse lhe dar um nome, qual seria? Por quê? (Todos os componentes, doravante TOC.)
- 10) A partir de nossa leitura direcionada, pudemos perceber como o nome próprio é significativo à construção dos significados do texto literário. Se alterássemos o título ou os mecanismos de nomeação das personagens do conto que estudamos, as associações literárias quanto à tematização do abandono, da fidelidade e da esperança seriam prejudicadas. Você já havia percebido quantos significados “esconde” o nome literário? Se sim, cite alguma experiência anterior. (TOC).